

A repressão civil na Somália de Siad Barre sob a perspectiva de Nuruddin Farah na obra *Sweet and Sour Milk*

Mariana Rupprecht Zablonsky¹

Em 21 de outubro de 1969, o exército da Somália, comandado pelo General Mohamed Siad Barre, assumiu o governo da República da Somália através de um golpe militar. O regime perdurou por vinte anos e deixou marcas profundas no país. Um ano após a frente do governo e ocupando o cargo de presidente do país, Barre declarou que, em 1969, o país iniciou uma Revolução, trilhando um novo caminho que incluía a adoção do socialismo científico. Assim, com o apoio da União Soviética, a Somália se tornou a República Democrática da Somália.

Nesse sentido, o trabalho buscou construir uma análise da obra *Sweet and Sour Milk*, do autor somali Nuruddin Farah, publicada em 1979, com base nos processos históricos pelos quais a Somália passou nas últimas décadas do século XX, tendo os africanos como agentes de sua própria história. Procuramos explorar como o novelista somali retrata a vida na Somália durante o período do regime do General Siad Barre (1969-1991) focando, sobretudo, nos impactos que a violência produzida pelo governo de Barre tiveram na vida dos habitantes da Somália. Por conseguinte, perpassamos o contexto histórico do golpe

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná na linha Espaço e Sociabilidades e bolsista CAPES. Orientação do Professor Doutor Hector Hernandez Rolando Guerra.

militar que levou o General ao poder, assim como as relações que se construíram entre o regime e seus aliados e opositores, tema exposto na obra de Farah. E trabalhado de forma a evidenciar as heranças do colonialismo italiano e inglês, as relações patriarcais desta sociedade e as dificuldades de conformação de um Estado moderno da Somália. Portanto, na elaboração da pesquisa tentamos compreender as causas e as consequências do golpe militar de 1969, buscando as raízes históricas deste acontecimento. Procuramos conceber também de que forma Nuruddin Farah retrata os eventos históricos que permearam o país e como, em sua perspectiva, a oposição entre tradição e modernidade, combinada à formação de uma nação permeada pelo nacionalismo, forneceu a chave para Siad Barre permanecer no poder durante mais de duas décadas.

O primeiro capítulo traz uma breve narrativa histórica sobre a Somália, compreendendo o período de 1950 a 1991. A partir dos eventos históricos retratamos como o antigo protetorado italiano (Somália italiana) e a Somalilândia britânica conquistaram sua independência em 1960, e ainda no mesmo ano se uniram formando a República da Somália. Durante quase uma década o país teve eleições presidenciais e foi comandado por dois partidos políticos: *Somali Youth League* e *Somali National League*, os quais estiveram diretamente envolvidos nas negociações de independência de ambas as colônias somalis.

Desta forma, a elite política que passa a governar o país é composta por alguns poucos intelectuais que haviam estudado na Europa. Mas, sobretudo, por homens que tiveram estreitas ligações com o colonialismo e ocuparam posições de poder neste período (chefes das polícias coloniais, integrantes dos governos coloniais e ainda indivíduos que tinham prestígio dentro da sociedade somali, seja por status familiar ou por poder aquisitivo). Todavia, como ressalta Frantz Fanon², esta elite que se consolida após a independência é formada por: “Meninos mimados ontem pelo colonialismo, hoje pela autoridade nacional, eles organizam a pilhagem dos poucos recursos nacionais” e passa a construir, segundo Mohamed Ingiriis³, uma nação focada em seus interesses pessoais e sua permanência no poder. As eleições para Presidente e Primeiro Ministro em 1969, marcadas por fraudes e coerção⁴, levaram a grande maioria do país a desacreditar nas promessas feitas com a independência da Somália e reforçadas pelo nascimento do nacionalismo pan-somali, que buscava a unificação de todos os somalis sob uma bandeira e uma nação. Precisamente, ainda em 1969, o então presidente eleito Abdirashid Ali Shermarke é assassinado pelo seu guarda-costas e, cinco dias depois, os militares da Somália, liderados pelo General Siad Barre, tomam o poder.

² FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 36.

³ INGIRIIS, Mohamed H. *The suicidal state in Somalia: The rise and fall of the Siad Barre regime, 1969-1991*. New York: University Press of America, 2016.

⁴ Ibidem.

Com a chegada de Siad Barre ao governo o país passa por reformas institucionais e legislativas e, com o apoio da URSS, em 1970 declara a instituição do socialismo científico como ideologia dominante do regime. Para Ingiriis⁵, a escalada de poder do General contou desde o início com o suporte da KGB, haja vista que o alinhamento dos países independentes da África foi muito disputado pelos estadunidenses e soviéticos. No caso da Somália, posicionada na entrada do Golfo do Aden e vizinha da Península Arábica e da Etiópia, conquistar seu apoio era fundamental para os soviéticos, uma vez que os etíopes eram fortes aliados dos Estados Unidos e a localização do país controla a entrada para o Mar Vermelho, que leva até o Canal de Suez, na entrada do Mar Mediterrâneo. Assim, ao longo de quase toda a década de 1970, o país do Chifre da África recebeu armas, financiamento e treinamento da URSS. O fim da parceria se deu pela Guerra do Ogaden⁶, conflito que marcou a região e trouxe graves consequências sociais, políticas e econômicas para a Somália.

Destarte, o regime de Barre no país também se consolidou a partir da aliança com os soviéticos. Muitas das políticas adotadas, assim

⁵ Ibidem, p. 97.

⁶ Foi um conflito no Ogaden entre Somália e Etiópia e que teve início em 1977; a Somália iniciou a guerra quando invadiu a Etiópia conclamando o direito de reaver a região do Ogaden, predominantemente habitada por somalis. Por trás do conflito estavam Estados Unidos e União Soviética, que financiaram e deram apoio aos países envolvidos. O conflito irá acabar com a relação entre Somália e URSS; o país africano passou a ser ter o apoio dos Estados Unidos e perdeu a guerra ainda em 1977, fato que trará graves consequências para o regime de Siad Barre. TEREKE, Gebru. The Ethiopia-Somali war of 1977 revisited. *The International Journal of African Historical Studies*, V. 33, nº 3 (2000), p. 635.

como no governo civil, visavam o fortalecimento do poder do General, dos clãs⁷ ligados a sua família e a eliminação de qualquer oposição.⁸ Sendo assim, analisamos a construção, consolidação e queda do governo de Siad Barre na Somália, regime caracterizado por Mohamed Ingiriis⁹ como totalitário, centralista e clânico. Buscamos também desconstruir a ideia de que o Estado da Somália, com a queda de Siad Barre em 1991, entrou em colapso e se tornou um governo definido como Estado falido.¹⁰ Portanto, na contextualização histórica do governo civil e militar do país, procuramos construir uma narrativa histórica crítica, problematizando alguns conceitos que permeiam a leitura historiográfica sobre a formação dos estados pós-coloniais na África.

No segundo capítulo da monografia trabalhamos a trajetória social e política de Nuruddin Farah, procurando estabelecer qual o contexto em que o livro foi escrito, tentando assim delinear um panorama da vida e obra do autor. Estabelecemos também a ideia de que a novela *Sweet and Sour Milk*, primeiro livro da trilogia *Variations*

⁷ A designação de grupo clânico está ligada à tradicional divisão somali, na qual indivíduos com ancestrais em comum ligam-se uns aos outros pelos laços familiares. A Somália atualmente possui seis grandes famílias clânicas; estas têm subdivisões internas, que dão origem a sub-clãs. LEWIS, Ioan. *Blood and Bone: the Call of Kinship in Somali Society*. Trenton: Red Sea Press, 1993, p. 48.

⁸ Ibidem, p. 111.

⁹ INGIRIIS, op. cit.

¹⁰ O conceito de Estado falido varia muito, entretanto, a maioria das pesquisas concorda que Estado falido é quando o Estado perde o controle do uso da força ou ainda quando o Estado não é mais capaz de desempenhar as funções de desenvolvimento. Para mais informações ver: EZROW, Natasha; FRANTZ, Erica. Revisiting the concept of the failed state: bringing the state back in. *Third World Quarterly*, Vol. 34, N° 8, 2013, p. 1324.

on the Theme of an African Dictatorship, seria trabalhada como uma fonte histórica, tendo em vista que, como afirma John Williams¹¹: “[...] *Sweet and Sour Milk* é tanto político quanto literário, faz história, o que não é dizer apenas que nos conta a história da Somália pós-colonial, mas que participa em uma espécie de historiografia [...]”. Nesse sentido, quando Williams afirma que Farah “faz história”, está trazendo a concepção de que o autor somali dá voz aos grupos de oposição ao regime no país, que contam uma história diferente da oficial. Ele compõe uma historiografia que se opõe à história feita pelo regime de Barre, um texto que passa a divulgar para o mundo a fala dos dissidentes desse regime que não tiveram voz na história do governo.

Desta maneira, é sob a perspectiva de análise do livro *Sweet and Sour Milk* que o segundo capítulo se debruça sobre os principais temas trabalhados na novela. A questão central que permeia a narrativa de Farah é o entendimento de que as estruturas da família se repetem nas estruturas do Estado. Logo, a obra acompanha a vida de Loyaan, cujo irmão gêmeo Soyaan morre no início do livro de maneira suspeita. Assim, Loyaan inicia uma jornada em busca de respostas para a morte do irmão, integrante do governo de Siad Barre, que ao longo da narrativa se revela um forte opositor do regime. Antes de sua morte, Soyaan havia escrito memorandos que denunciavam a violência, opressão e as fraudes do governo do General. A existência destes

¹¹ WILLIAMS, John. “Doing History”: Nuruddin Farah’s *Sweet and Sour Milk*, Subaltern Studies, and the postcolonial trajectory of silence. *Research in African Literatures*, V. 37, Nº 4, 2006, p. 163. (tradução nossa).

documentos acaba sendo descoberta por Barre e Soyaan é silenciado, supostamente por um copo de leite envenenado dado ao dissidente por um médico russo. Sendo assim, o autor somali constrói um ambiente de confusão, medo e violência, retratando como era a atmosfera no regime de Siad Barre, onde pessoas eram constantemente detidas e até sequestradas para prestar esclarecimentos sobre possíveis atividades ilícitas. Este ambiente também é construído retratando a vida cotidiana na Somália, o que perpassa a herança colonial italiana, a presença russa e, sobretudo, a oposição entre a cultura oral, sobre a qual o governo militar foi erigido e se legitimou, e a escrita, que, para Farah, na perspectiva de Soyaan, era a única forma de derrubar o regime. Segundo Simon Gikandi¹², Farah procura usar seus romances para criticar o mundo associado aos valores tradicionais sustentados pela oralidade, principalmente a cultura do silêncio promovida pelo Estado independente; assim, ele invoca o modernismo como um contraponto à própria tradição.

Ademais, procuramos construir uma interpretação que localizasse Nuruddin Farah dentro do quadro de escritores africanos que escreveram após as independências. O escritor somali não parte de uma perspectiva nacionalista, mas traz críticas ao nacionalismo e constrói sua novela questionando o nascimento do Estado nação na Somália. Deste modo, assinalamos que sua obra apresenta uma perspectiva

¹² GIKANDI, Simon. Nuruddin Farah and Postcolonial textuality. *World Literature Today*, V. 72, Nº 4, 1998, pp. 753-758.

cosmopolita, similar à apresentada por Kwame Anthony Appiah¹³, no sentido de que Farah escreve em inglês e representa em suas novelas a noção de que existem poderosos laços que conectam as pessoas através da cultura, religião e grupos sociais, que não estão circunscritos apenas à ideia de nação. Indiretamente, ele também questiona a importância atribuída ao nativismo na determinação de autênticas literaturas africanas, levantando a ideia de que se pode conectar o resto do mundo à experiência somali através da literatura.

O terceiro capítulo do trabalho compõe um panorama que analisa e questiona a repressão civil na Somália durante o regime de Siad Barre. Nesta parte da pesquisa nos concentramos em dois eixos centrais: o primeiro diz respeito ao retrato que Nuruddin Farah fornece da violência e da repressão em *Sweet and Sour Milk*, perpassando as cenas de tortura, sequestro, ameaça e coerção descritas no livro. Assim, a obra registra “[...] com uma sufocante intimidade, a brutalidade, a suspeita e a degradação mental e física, que são consequência de governos instáveis e totalitários.”¹⁴ O segundo eixo se volta para a reestruturação do Estado na Somália com a chegada de Barre ao poder em 1969 e a construção dos aparatos de repressão do Estado; para tal

¹³ Para o autor: “Há dois fios que se entrelaçam na noção de cosmopolitismo. Uma delas é a ideia de que temos obrigações para com os outros, obrigações que se estendem para além daqueles a quem estamos ligados pelos laços de amigos e espécie, ou mesmo os laços mais formais de cidadania compartilhada.” ANDINDILILE, Michael. English, cosmopolitanism and the myth of national linguistic homogeneity in Nuruddin Farah’s fiction. *Forum for Modern Language Studies*, V. 50, Nº 3, 2014, p. 258.

¹⁴ OKONKWO, Juliet. Nuruddin Farah and the politics of Somalia. *Présence Africaine*, Nº 132, 1984, p. 45 (tradução nossa).

abordagem nos valemos do artigo “*We Swallowed the State as the State Swallowed us*”: *The Genesis, Genealogies and Geographies of Genocides in Somalia*, de Mohamed Haji Ingiriis¹⁵. Ademais, abordamos também como a violência da descolonização, perpetrada por colonizadores e colonizados, ganhou novas cores e passou a ser utilizada pelo Estado como instrumento de coerção contra a população, sobretudo, na direção dos grupos opositores ao regime. Por conseguinte, construímos um questionamento focalizado na figura de Siad Barre enquanto chefe do governo, pensando no que Achille Mbembe¹⁶ chama de *Commandement*, conceito que tenta mostrar que um poder de inspiração colonial estava em muitos ambientes na África pós-colonial. O argumento central do autor é de que, com o fim do colonialismo, na sequência da criação do pós-colonial, os africanos assumiram o poder dos colonialistas - na figura do Estado, entendido este como vestígio institucional do colonialismo - como os donos do seu próprio destino. Entretanto, muitos destes líderes foram treinados pelo colonialismo, como é o caso de Siad Barre, e a expressão de seu governo se dá de forma que não há uma quebra com o colonialismo e a violência. Assim como no período colonial, é uma violência institucionalizada praticada pelo governo para defender o regime.

¹⁵ INGIRIIS, Mohamed Haji. “*We Swallowed the State as the State Swallowed us*”: *The Genesis, Genealogies and Geographies of Genocides in Somalia*. *African Security*, V. 9, 2016, pp. 237-258.

¹⁶ MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. California: University of California Press, 2001.

Nesse sentido, visamos propor uma discussão sobre a violência na Somália, ressaltando o contexto histórico do período e mostrando como a violência era perpetrada pelo Estado e quais os impactos desta repressão na população e na própria sobrevivência do governo, enquanto detentor do monopólio da violência. Farah expõe as práticas violentas do regime e dá ênfase em como toda uma rede de cultura oral era utilizada como meio de controle das informações, e como tal sistema sustentou muitas das práticas violentas do regime de Siad Barre. Como já afirmado, a novela trabalhada permanece como uma das poucas fontes que registram de forma explícita as práticas repressivas do regime. Assim pudemos elaborar uma discussão que versa tanto com a fonte como com os trabalhos recentes sobre o regime de Siad Barre e a questão da formação do Estado na África após as independências.

A partir disto, observamos que a pesquisa trouxe à luz questões ainda pouco debatidas sobre o tema, principalmente no que tange ao retrato da violência do governo militar na Somália. A obra analisada abrange um leque de temáticas relacionadas à colonização, descolonização, disputas imperialistas no período da Guerra Fria e, sobretudo, ao silêncio do período sobre a repressão do regime. A memória histórica do regime ainda está sendo construída, sobretudo porque há poucas análises sobre o período e suas consequências.¹⁷ Muito do que se fala sobre o país está ligado à ideia de colapso do Estado, Estado falido, pirataria, anarquia do Estado ou ainda às

¹⁷ INGIRIIS, Mohamed. *The rise and fall...*, op. cit., 2016.

questões da diáspora somali, iniciada no final da década de 80. *Sweet and Sour Milk* nos apresenta a visão que um somali tem do governo que o exilou, portanto, foi fundamental compreender a trajetória pessoal de Farah e como ela implica na sua produção como romancista.

A principal crítica que o livro expõe está centrada na formação do Estado nação da Somália liderada por Siad Barre, através de um governo militar que não só oprimiu os somalis, mas que centrou seu poder na figura de um chefe militar que se vê como pai da nação. Todavia, Farah, por meio de sua narrativa, denota que sua posição não é uma crítica somente ao totalitarismo vivido pela Somália, mas levanta um questionamento sobre todos os regimes militares que os países africanos atravessaram naquele período. Siad Barre não é mencionado na obra, porque o grande Generalíssimo poderia ser, além de Barre, Mobuto Sese Seko, Idi Amin ou algum outro líder militar que se valeu do poder personalizado para comandar o governo de seu país. Portanto, em sua crítica o autor somali transcende as barreiras geográficas do seu país e estende seus questionamentos à formação dos Estados nações na África, apontando que o nacionalismo inflamado, somado ao contexto de Guerra Fria e à forte oposição entre tradição e modernidade, resultou na formação de um Estado que deturpa as tradições a seu favor e se vale da modernidade para reprimir seus cidadãos. Aqui contrastamos a perspectiva de Farah com a questão da historicidade das sociedades

africanas. Para Jean-François Bayart¹⁸, a perspectiva analítica denominada de “paradigma do jugo” se sustenta fundamentalmente na denúncia de sua inobservância (ou ignorância) à historicidade das sociedades africanas ao submetê-las totalmente a fatores externos. Em suas palavras:

A equação entre a falta de historicidade das sociedades africanas e a natureza patológica do poder dentro delas tem, contudo, suas raízes em uma tradição intelectual que remonta tão longe quanto a Aristóteles. [...] O tema do isolamento da África do resto do mundo, e das sociedades africanas entre si, é chave na negação de sua historicidade.¹⁹

Assim, apontamos que foram as estruturas de poder criadas no período colonial e sustentadas pelos Estados independentes que deram as bases para que homens como Barre chegassem e se mantivessem no poder, amparados pelo discurso da “natureza patológica do poder” na África e pelo caráter “dependente” do continente africano.

A pesquisa se centrou nas questões políticas do Estado na Somália e, com base na fonte, tentamos analisar quais os contornos que o governo dava à vida dos cidadãos somalis, tendo Loyaan e Soyaan como exemplos do rumo que o regime poderia dar à vida de indivíduos integrantes ou não do governo. Assim objetivamos contribuir com os trabalhos que desconstroem as atuais visões sobre o país e problematizam a ditadura, haja vista que hoje a Somália é governada

¹⁸ BAYART, Jean-François. *The State in Africa: the politics of the Belly*. Cambridge Press, 2009, pp. 1-40.

¹⁹ Ibidem, p. 2-3. (tradução nossa).

por um Presidente, após uma série de governos de transição; segundo Ingiriis: “Vestígios do autoritarismo do regime de Siad Barre evaporaram, mas sua visão sociopolítica e vicissitudes tem prevalecido em Mogadíscio, dominando o território político.”²⁰ Destarte, o sistema político e a visão de Estado de Siad Barre têm ganhado cada vez mais impulso na Somália nos últimos anos. Mohamed Ingiriis²¹ afirma que muitas das tradições do sistema *siadist*²² de governar e muitos membros de seu antigo regime têm conquistado cada vez mais espaço dentro do novo governo.

Por fim, nos estudos sobre Nuruddin Farah compreendemos que o novelista somali, para além das críticas ao colonialismo, foca, sobretudo, na agência dos somalis enquanto donos de seus futuros. Lidando com a herança colonial, o autor constrói seus personagens inspirados em figuras reais que vivem neste mundo pós-colonial, retratando as várias mulheres somalis que existem e os diversos homens que integram o país, e tentando reconstruir assim a realidade que estes indivíduos viveram, neste período, em suas várias facetas.

Recebido em 29/11/2016, aceito para publicação em 26/07/2017

²⁰ INGIRIIS, Mohamed Haji. How Somalia Works: Mimicry and the Making of Mohamed Siad Barre's Regime in Mogadishu. *Africa Today*, V. 63, Nº. 1, 2016, p. 65.

²¹ Ibidem.

²² Aqui empregamos a ideia de *Siadist state*, proposta pelo autor no sentido de identificar uma forma sociopolítica de governar característica do período em que Siad Barre governou a Somália. Definido por um conjunto de práticas como o poder personalizado, o Executivo com maior poder que qualquer outra instância do governo, relações patriarcais e clientelistas dentro do Estado e uma política internacional voltada para busca de ajuda humanitária. INGIRIIS, Mohamed Haji. *How Somalia Works...*, op. cit. 2016.